



## O Brilho do Olhar da Pós-Graduação

### *Sparkling Eyes of the Postgraduate*

**Wilson Kindlein Júnior, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.**

wilsonkindleinjuni@gmail.com

#### **Resumo**

Este texto pretende partilhar a intensa e extensa vivência como professor orientador e coordenador de equipes de pesquisa científica e tecnológica na área de “Design e Materiais”. Essa experiência envolve a orientação de alunos da iniciação científica ao pós-doutorado. Não se trata aqui de desconhecer outros olhares ou de achá-los menos importantes, mas da autêntica contribuição que posso oferecer na intenção de somar luzes ao “brilho do olhar” das equipes de pesquisa de Pós-Graduação.

**Palavras-chave:** Filosofia de Pesquisa, Grupos de Pesquisa, Pós-Graduação em Design, Mestrado em Design, Doutorado em Design

#### **Abstract**

*This paper aims to share the intense and extensive experience as a supervisor and teams coordinator of scientific and technological research in the area of "Design and Materials". This experience involves guiding undergraduate students also, master, doctorate and post-doctorate researchers. This is not about to ignore other viewpoints or consider them less important, but it is about the genuine contribution that I can offer in intent of adding lights to the Sparkle eyes of the Postgraduate research teams.*

**Keywords:** *Research Philosophy, Research Groups, Graduate Program in Design, MSc in Design, PhD in Design*



No início minha reflexão é mais rasa a fim de explicar o contexto que almejo partilhar; aprofundarei logo em seguida. Começo afirmando que ter a pretensão de formar Designers sem Laboratórios é como querer formar médicos sem Hospital de Clínicas: não dá! Assim como os olhos são as janelas d'alma, os Laboratórios são o brilho no olhar e a vida que habita qualquer Pós-Graduação que deseje ter espírito próprio. Aqui me refiro a Laboratórios em geral. Essa afirmação vale para todas as áreas do Design. Não é uma particularidade do Design de Produto. Quando falo de Laboratórios me refiro a Laboratórios (Grupos de Pesquisa) de qualidade e não em portas com nome de Laboratório (sem nada dentro). Essas portas sem nada são como os “Hospitais Fantasmas”, que só trazem vergonha para o nosso sistema de saúde pública. Aqui eu não pretendo desestimular o começo de um Grupo de Pesquisa, pois muitas vezes o Grupo começa como uma porta sem nada dentro; porém, há uma grande diferença entre um sem-nada, sem personalidade e um sem-nada cheio de esperança, alma limpa e muito trabalho. Com frequência o começo é um sem-nada, mas para preencher esse vazio (o buraco do olho) é necessário orientar a alma — para que seja melhor a cada dia — e o coração na direção do bem comum. Vale a máxima de Amadeo Modigliani — “Quando conhecer sua alma, pintarei seus olhos” —. Só assim saberemos o brilho que esses olhos têm. Em um curso de Medicina, os alunos, já no primeiro semestre, têm contato direto com os Hospitais. Em uma Pós-Graduação em Design digna do signo que carrega, é isso que se espera, ou seja, os alunos têm que ter contato direto com a prática (mão na massa) desde o primeiro dia em que pisam no ambiente acadêmico da pesquisa científica e tecnológica (o espaço laboratorial educa). Nesta prática, os alunos precisam de mestres (professores) dedicados, interessados, e principalmente que ensinem o que pesquisam e não o que pensam saber. Na “vida real”, o conhecimento é hoje produzido por quem pesquisa e não por quem repassa um dito conhecimento que nem ele mesmo tem. Aqui me valho de Saramago:

[...] ambiguidade formal que tanto significa o que parece como o seu exato contrário, dependendo mais do leitor do que da leitura, embora esta em todo depende daquele, por isso nos é tão difícil saber quem lê o que foi lido e como ficou o que foi lido por quem leu. (SARAMAGO, 1988)

Aqui é fácil verificar em que situação nos encontramos; basta ler artigos dos congressos, dos colóquios, dos encontros, etc. Um expressivo número destes artigos são vazios, sem comprovação científica, sem comprovação de mercado, sem comprovação técnica e sobretudo, “sem visão própria”; a maior parte destes diz que resolve o problema do mundo. O epicentro é na área de Sustentabilidade Ambiental (a poluição do mundo estaria resolvida se acreditássemos nas conclusões dos artigos de apenas um ou dois congressos). Concluem sobre o que não pesquisaram; então, finalizam sem base teórica nenhuma, rematam vagamente, terminam imprecisamente, findam com o incerto. E pior ainda, eles aconselham caminhos para novos trabalhos... Muitos destes artigos estão amparados por eventos que se intitulam “internacionais” (que de internacionais pouco tem!). Alguns usam do mesmo evento autodenominando-se diferentemente de dois ou três para contar mais pontos. Pergunto: isso é sério? Essa é a primeira lição que devemos seguir no ambiente acadêmico da Pós-Graduação: escrever sobre o que se pesquisa de verdade; e, de uma vez por todas, para o bem da pesquisa no Brasil, é fundamental impedir o “faz de conta”. Felizmente existem Laboratórios nos quais as portas ao serem abertas mostram vida borbulhante e infraestrutura de qualidade em todas as Pós-Graduações em Design no Brasil, reconhecidas pela CAPES. Esses, e aqueles que estão começando com a alma limpa, são os Laboratórios que merecem respeito e atenção; são aqueles nos quais devemos depositar nossa esperança. Nossos jovens necessitam destas ilhas do conhecimento. Tanto os funcionários, quanto os alunos e professores sabem identificar claramente estes oásis onde podem beber a água do fazer bem feito.



A segunda lição que trago para a discussão eu me permito aprofundar com a ajuda de Gibran Khalil Gibran: nós educadores (orientadores) temos que ter a consciência que somos os arqueiros (arcos) e que nossos alunos (orientandos) são as flechas (aqui faço uma ressalva: um dos óbices da Pós-Graduação é que há professores que querem ser o arco e a flecha ao mesmo tempo – ou seja, querem projetar a si mesmo...). Temos que nos colocar na posição do Arqueiro e agir como:

[...] O Arquiteto que mira o alvo na senda do infinito e estica o arco com toda a sua força para que Suas flechas se projetem rápidas e para longe. Que vosso encurvamento na mão do Arqueiro seja vossa alegria: pois assim como Ele ama a flecha que voa, também ama o arco que permanece estável. (GIBRAN, 1968)

É importante ressaltar que o equilíbrio está intimamente vinculado ao educador. Essa é a segunda lição: estabilidade com firmeza. Temos que nos concentrar em uma área do Design; cada Grupo de Pesquisa com sua vocação. Há espaço para todos, e todas as áreas são igualmente importantes. Fala-se muito em inovação, mas penso — olha só! — ser admirável falar em repetição. Os Grupos de Pesquisa precisam de constância e necessitam de continuidade. Para mudar é necessário antes permanecer. É preciso ficar trabalhando muito tempo em um determinado corpo de conhecimento para realmente poder mover esse corpo com propriedade. Há docentes que mudam seu campo de pesquisa a todo o momento como quem muda de roupa. Não praticam investigação, não examinam, não aprofundam, não trilham e, portanto, não estabelecem caminhos. Toda a expectativa pressupõe espera e esperança e, conseqüentemente, necessita de tempo. Refere-se a algo que vai acontecer no futuro. Logo, aquele que começa e termina a todo o momento (instante), vive acelerado, continuamente atabalhado e com urgência de tudo. Faz sempre às pressas. Essas pessoas contribuem para gerar na malha da equipe de pesquisa uma deterioração da noção de futuro e abalam todas as ações que dependem de tempo (investigações, testes, checagens, validações, reflexões, indagações, ponderações, retomadas, planejamentos, projetos, planos, desenvolvimentos, etc.). Essa forma de agir ajuda muito a apologia ao individualismo (meu momento, meu direito, meu instante, minha maneira, meu jeito, etc.), sem consideração com o outro e sem compromisso com o que está por vir (futuro). Esses que começam a frase pelo ponto final sem crescimento, sem observação não deveriam sequer ser considerados professores e muito menos pesquisadores. Se considerarmos somente os pontos de partida e chegada, ignorando o caminho, tendemos a uma velocidade infinita (aceleração máxima), desconsiderando as variáveis dependentes do tempo (espera, esperança, aguardo, calma, tranqüilidade, serenidade, quietude e paz de espírito). O caminho é a luz que leva ao conhecimento, e este novo conhecimento é a luz que nos faz avançar no caminho! Todo o pesquisador só é verdadeiramente um pesquisador se estabelece um caminho! Não um caminho qualquer, mas um caminho de verdades!

A terceira lição que aprendi em mais de duas décadas de dedicação à pesquisa científica e tecnológica em Design (iniciei como docente e orientador de iniciação científica do ensino superior no ano de 1990 e participei com um artigo no 1º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design - P&D/1994) e que gostaria de compartilhar com todos os leitores é a importância do comprometimento dos alunos com a pesquisa nos Grupos de Investigação. Aqui, me refiro aos alunos desde a iniciação científica até o pós-doutorado. O comprometimento é fundamental para que um Grupo de Pesquisa tenha sustentabilidade e



permanência. Vou explicar a diferença entre comprometimento e envolvimento. E aproveito para afirmar que só envolvimento não resolve. Explicando de uma maneira lúdica: numa canja, a galinha da canja está comprometida e a que forneceu o ovo está apenas envolvida. Precisamos de gente que esteja mergulhada na sopa do saber. Temos que contar com pessoas que tenham um “para que” e um “para quem” e aqui já deixo claro que o mestrado e o doutorado servem “para que” a pesquisa de alta qualidade seja desenvolvida e devem ser orientados “para quem” faz jus com seu desempenho e comprometimento. Quem não tem esse perfil não pode trabalhar no Grupo de Pesquisa, pois é uma fruta capaz de comprometer (deteriorar) o cesto. Aprendemos com Erich Fromm que há um caminho para o “Crescimento” e em paralelo, mas no sentido inverso, um caminho para a “Deterioração”. Ele nos ensina que há três eixos que determinam o comprometimento com o caminho do “Crescimento”, são eles: o “amor à vida”, o “amor ao homem” e a “independência”. A “Deterioração” começa quando se vai à direção oposta. É natural relacionar o “amor à vida” com pessoas positivas que fazem “valer a pena” o esforço e a dedicação. Em contraposição, há aquelas pessoas negativas que vêm dificuldade em tudo, que só trazem problemas, principalmente os mais medíocres, como reclamar o tempo todo: da temperatura da sala, da cor da caneta do quadro branco, do barulho da rua, do tipo de café, do ruído do telefone, do tamanho do copo de água, do “não importa o quê”. Estas pessoas estão, quando muito, circunstancialmente envolvidas, mas nunca comprometidas com a equipe de trabalho (levaram, no máximo, a galinha aquela que pôs o ovo para passear!). Um coordenador de Grupo de Pesquisa não deve perder seu tempo com essas questões mais simplórias porque isso deteriora o ambiente de trabalho. Ele tem que estar mergulhado no caldo, comprometendo-se com a solução de assuntos de monta maior, tais como: tentar resolver a melhoria do inglês dos alunos, tentar melhorar a infraestrutura do Laboratório, tentar melhorar a inserção nacional e internacional do Grupo de Pesquisa, etc. Essa máxima vale de maneira especial para os Coordenadores da Pós-Graduação. Os problemas pequenos devem ser superados com o desprendimento de todos. Como disse Picasso “é muito provável que a obra seja feia, pois a criação nos consome ao máximo”. Quem só vê de fora — não carrega o piano — não tem o ônus da criação; dedica-se, então, aos defeitos da obra, e não à obra. O Grupo de Pesquisa que está realmente criando sempre terá defeitos — é o ônus da criação —. Para o crescimento de todos, temos que contar com pessoas alegres e abnegadas. Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, ensina-nos que a alegria (vida) faz parte do processo de busca do saber. Como estamos falando de pesquisa em Design, devemos sempre lembrar o significado de PhD (Doutor em Filosofia, do latim *Philosophiae Doctor*). O filósofo é definido como o buscador do conhecimento. PhD em Design é, então, o buscador do conhecimento em Design. Buscar conhecimento é gostoso, mas exige esforço e dedicação (e principalmente um caminho!). E só vale a pena quando existe, verdadeiramente, “amor à vida”. Cada situação dentro do ambiente acadêmico, cada momento de decisão nos põe em confronto com alternativas de crescimento ou destruição. Cada uma de nossas ações terá reflexos profundos no Grupo de Pesquisa e indicará em que direção o Programa de Pós-Graduação está se movendo. Considerar que a equipe de pesquisa pode ser recomposta com facilidade é um erro fatal. Um Programa de Pós-Graduação só será referência se seus Grupos de Pesquisa forem estáveis e competentes.



O segundo eixo que determina o comprometimento com o caminho do “Crescimento” segundo Erich Fromm, em seu livro “Coração do Homem”, é o “amor ao homem”. O amor ao próximo apresenta-se em contraste com o narcisismo. Muitos querem ser “arco e flecha” ao mesmo tempo, numa preocupação endógena, sobrando pouco para o próximo. O egoísmo tem que ser combatido num Grupo de Pesquisa. A própria denominação “Grupo de Pesquisa” só é válida se o Grupo estiver ciente do trabalho conjunto e estiver em busca do crescimento de todos (altruísmo). Sempre um ato concreto exige uma decisão. A decisão neste eixo tem que ser a do bem comum, principalmente porque a Pós-Graduação e seus respectivos Grupos de Pesquisa estão estruturados em funções correlativas (professor-aluno, orientando-orientador). Essa estrutura requer a determinação de objetivos e funções claramente estabelecidas e um diálogo baseado na fidedignidade. Como nos ensina Gilles Deleuze “um diálogo não pressupõe consenso, mas pressupõe confiança”. Confiança exige tolerância e só pode ser tolerante, no sentido estrito, quem compreende. Para compreender é necessário entendimento, e para entender é necessário perceber e se enxergar no outro. Essa não é uma tarefa fácil e deve ser compreendida, aceita e assumida por todos os membros da equipe de pesquisa. Isso leva ao “Crescimento”. Já a presunção não tem vez em um Laboratório de qualidade. A arrogância é a mola propulsora que muitas vezes leva, inclusive, ao caminho da “Deterioração” do Grupo de Pesquisa. Alguns Grupos de Pesquisa que conheço poderiam ser prodigiosos se trabalhassem em prol do bem comum sem soberba. A tolerância e a compreensão são atributos dos vencedores, pois só tolera quem compreende. Neste sentido, quanto maior o intelecto melhor é a apreensão dos fatos e a sua conseqüente compreensão e tomada de decisão.

Minha experiência, intensa e extensa, como orientador da iniciação científica ao pós-doutorado revelou-me que um docente deve fazer a função do cimento em um Grupo de Pesquisa onde os alunos são as lajotas. Esse cimento deve ser forte e flexível — como um cimento-cola — unindo os corpos de conhecimento. Sem ele não há agregação na gênese do saber. Cabe ao orientador vincular, juntar, fixar, firmar, estabilizar e conectar. — O cimento dá a liga! —. Ao longo do tempo as lajotas, pouco a pouco, com dispêndio de muita energia, vão sendo cominuídas e vão virando o cimento do rejunte. O professor deve ser agudo e firme para poder refinar as lajotas. O professor não pode esmorecer. Esta é uma tarefa intensa, mas tem que ser feita. Neste procedimento há embates de difícil compreensão, pois a transformação lajotamento não é imediata. Existe o processo de transformação em que a lajota vai se quebrando aos poucos e os pós oriundos destes veios dissolvidos vão cimentando. Até que, cada vez com mais área cimentada, exista a modificação de condição. Esse ensinamento eu aprendi na prática diária e fiquei muito feliz ao ler Gilles Deleuze e perceber que ele ressalta a importância do “[...] meio e não o começo nem o fim, a grama que está no meio e que brota pelo meio, [...] Sempre a grama entre as pedras do calçamento.” Após 25 anos atuando como docente no ensino superior sinto-me exatamente assim, grama e cimento amalgamando as paredes e os caminhos do saber. Minhas produções científicas e tecnológicas são sempre com meus alunos e colegas professores, por acreditar que ciência se faz com um trabalho conjunto a várias mãos (mãos de dentro, mãos de fora e mãos do meio). Precisamos de — gramas e cimentos — de ilibada qualidade somadas a apropriadas — lajotas e pedras — para consolidar o campo da pesquisa científica e tecnológica em Design no Brasil. Esses entremeios trazem estabilidade com firmeza à malha da equipe de pesquisa e norteiam a emancipação dos alunos. A idéia de rizoma de Deleuze vale



para essa ação guiada, onde a estrutura do conhecimento brota simultaneamente a partir de todos os pontos (o conhecimento brota de todos os lados e vértices quando um Grupo de Pesquisa alcança o “fluxo”). A evolução de todos se dá de forma conjunta. Isto sugere que uma composição de Grupo de Pesquisa deve ser “rizomática” e, portanto, resiliente (tolerante), mas estabelece que existam fronteiras de resistência (firmeza) e ordenamento competente (comprometido), fixado por objetivos contíguos em benefício de todos (empreendimento coletivo). Se não existir o cimento de qualidade toda a parede está comprometida, as patologias aparecem e as fissuras tomam conta, desfazendo a estrutura. Se a grama não for densa e forte, as pedras do calçamento se soltarão aleatoriamente e se perderão no caminho!

O terceiro eixo que determina o comprometimento com o “Crescimento” é a “independência”. Vale salientar que a independência não é tida aqui como a indiferença com os outros. Pelo contrário, é aqui entendida como proatividade, especialmente para com os outros. A introspecção é para um, mas o conhecimento deve ser para todos! Dependente é aquele que não se compromete com o Grupo; ele cobra do Grupo, mas não contribui com o Todo. Representa para o Grupo de Pesquisa o perigo de um círculo vicioso, — “Deterioração” —, e não virtuoso, — “Crescimento” —, como o esperado em se tratando de pessoas felizes e competentes. Se ensinarmos nossos alunos a voar (proativos) temos que aplaudir o vôo e não cortar suas asas. A proatividade traz valores muito importantes para o Grupo de Pesquisa. Exigência para consigo mesmo, no que diz respeito ao trabalho de alto nível, com a condição do texto, com a apresentação das figuras, com a qualidade das mesmas, com a reprodutibilidade dos resultados, com a estruturação e limpeza do espaço de trabalho, com a profundidade dos corpos de conhecimentos necessários para o andamento do estudo, etc. Ajuda mútua faz um Grupo de Pesquisa se estabelecer. Quando cada um só pensa em si mesmo (somente no seu trabalho) e não atua em colaboração com colegas e professores, vem junto o binômio deletério — angústia/indiferença — gerando um “ser interior” cada vez mais empobrecido. As consequências no plano individual e social são estrondosas, determinando uma desigualdade crescente, e o espírito de grupo se desfaz.

A noção de Grupo deve estar presente em todas as possíveis ações e representações do Laboratório (vale especialmente para os Programas de Pós-Graduação em Design). Nas apresentações em congressos, encontros, *workshops*, etc., os trabalhos (tanto os escritos quanto as apresentações orais) devem destacar e identificar o Grupo de Pesquisa e a Pós-Graduação a qual pertencem. É fundamental essa idéia de pertencimento para uma participação responsável com o Todo. Essa noção de pertencimento deve ser motivo de orgulho do próprio aluno e denota a inteireza de sua relação (e comprometimento) com os demais e a forma de trabalho da equipe de pesquisa (Laboratório). A ideia de inteireza é fundamental para a área do Design frente às demais áreas do conhecimento. Temos nossas particularidades, mas também agimos na busca do conhecimento humano, científico e tecnológico. Gilles Lipovetsky em seu livro “O Império do Efêmero” afirma que “não há sociedade senão por um fundo de idéias e desejos comuns; é a semelhança entre os seres que institui o elo de sociedade”. Ele nos mostra claramente a dificuldade atual de manutenção de qualquer estrutura estável (entre elas um Laboratório), uma vez que a descontinuidade magnetiza as consciências, desviando o prestígio para as novidades (muitas sem profundidade). Ele revela com clareza que o ideal da sedução, “dos sucessos rápidos, dos prazeres imediatos ganhou precedência sobre a exaltação [...] das



grandezas”. As equipes de pesquisa não podem seguir a lógica da aceleração desenfreada onde quantidade sobrepõe-se à qualidade. De onde “[...] sua própria inércia torna-se força centrífuga que impõe à vida cotidiana seu ritmo de fuga para frente, de impasse e desequilíbrio [...]” (Jean Baudrillard – O Sistema dos Objetos). O inverso é necessário nos Grupos de Pesquisa, para que haja concentração, experimentação, análise e reflexão sobre o fazer. Essa tarefa necessita de tempo, capacidade criadora, trabalho, dedicação e abstração. A lógica, portanto deve ser a da paciência, da perseverança e do intercâmbio. Edgard Morin, em seu livro “Ciência com Consciência”, indica que toda a vida humana realmente autônoma é uma trama de relações com o outro, isso significa que o conceito de autonomia (independência) não é substancial, mas relativo e relacional. Quanto mais avançarmos em profundidade científica, mais poderemos desenvolver nossa autonomia, porém mais vinculações múltiplas nós teremos (mais interação com o outro). Sendo assim, a condição de equipe (Grupo de Pesquisa) é fundamental para que possamos, inclusive, aumentar nossa independência. Neste caso,

[...] a iniciativa e a inteligência transformam-se novamente em atores, enfim, cada qual, onde quer que se encontre, em seu próprio lugar, deve novamente sentir-se implicado. Cabe a cada pessoa dar os primeiros passos; e isso depende exclusivamente dela.

“Cada qual age e interage [...] restitui a todos, a cada pessoa, a cada ‘boa vontade’, seu papel e sua missão.” (Edgard Morin – Para Onde vai o Mundo?). Para estarmos (alunos, professores e funcionários) no aqui e agora dos Grupos de Pesquisa, cientes de cada diferente papel e missão e, ainda, voltados ao bem comum, necessitamos de alegria, de tempo e de concentração. As atividades de cada distinto membro de um Grupo de Pesquisa são diferentes; neste sentido devem ser evitadas comparações descabidas, pois trazem a desagregação à equipe. Iguais oportunidades para todos não significa que todos têm que ser iguais. Cada um deve fazer o seu próprio silêncio (o autoconhecimento é individual), mas a colaboração deve ser incondicional e absoluta entre todos os membros do Grupo de Pesquisa, pois é a premissa cabal da excelência científica e tecnológica (o conhecimento é coletivo). Os componentes do Laboratório devem cooperar, transversalmente, não importando a tarefa que um ou outro venha realizando. Trabalho bem feito não se discute (deve estar no automático); é tarefa básica e capital. Essa atitude vale desde os mínimos afazeres até os mais complexos. Vamos a um exemplo claro e de fácil entendimento, a partir de uma tarefa simples: se, por exemplo, for necessário que alguém leve um documento do Grupo de Pesquisa ao correio, — qualquer integrante do Grupo — deve cooperar de boa vontade e com disposição na execução da tarefa, e isso vale para todas as demais atividades (simples ou intrincadas), sejam técnicas, científicas, administrativas, burocráticas, etc. Sem essa cooperação, automática e absoluta, um Laboratório pode até ouvir o sino, mas não localizará, jamais, a Igreja; ou seja, não se consolida. Contrastando com essa necessidade de estabilidade e pertencimento, a tendência, observada na sociedade atual, do domínio do supérfluo, do excessivo sem qualidade, do raso pouco verificado, os deslizamentos progressivos do social em direção ao individualismo e a falta de constância e permanência são um desafio vultoso para a manutenção das equipes de investigação nos Laboratórios (Grupos de Pesquisa).

Um Laboratório não tem fronteiras. Neste sentido, deve-se evitar a dispersão através de meios hierárquicos. A hierarquia deve ser respeitada, resguardada e compreendida, naturalmente, por todos. Não existe nenhuma maneira de manter um Grupo de Pesquisa sem



lideranças. Vale lembrar que a deferência é um sinal de respeito e consideração com o trabalho de todo o Grupo de Pesquisa (e não um sinal de submissão). Hierarquia não se discute, deve fluir espontaneamente. É como andar de bicicleta, uma vez assimilado não se discorre sobre o equilíbrio. A estabilidade do movimento simplesmente ocorre no “automático”. Uma vez no automático, a firmeza somada à competência leva à consolidação do Grupo de Pesquisa e o consequente sucesso. Não existe sucesso sem diligência. O sucesso de um Laboratório é relativo, não é absoluto, portanto cada passo é importante. Os resultados em pesquisa advêm de um processo cumulativo, partimos de onde sabemos (estado da arte) para frutificar mais (contribuição da pesquisa científica e tecnológica). Esse é um desafio que aumenta de complexidade quanto mais o Grupo melhora. O nível dos entraves se amplia exponencialmente com o desenvolvimento do Laboratório. A energia despendida para passar a patamares cada vez mais altos é cada vez maior. Existe a obrigação de mais esforços; a dedicação de todos é fundamental. Quanto mais se avança, mais difícil e mais coletiva fica a empreitada. A exigência se apresenta cada vez maior. Aqui me valho de Vitor Ramil para deixar uma missiva a todos:

Não importa [...] pesadas moedas do céu, sacolas de lixo pelo caminho; [...] não importam vitórias, grandes derrotas, bilhões de fuzis, aço e perfume dos mísseis nos teus sapatos. Se um dia qualquer tudo pulsar num imenso vazio, coisas saindo do nada, indo pro nada. Se mais nada existir, mesmo o que sempre chamamos real; e isso pra ti for tão claro que nem percebas. Se um dia qualquer ter lucidez for o mesmo que andar e não notares que andas o tempo inteiro [...] É sinal que valeu! Pega carona no carro que vem, se ele não vem, não importa. Fica na tua!

Existirão muitas barreiras, mas se nos mantivermos felizes, centrados e determinados já é um sinal que valeu! Nossa capacidade de realização “continua a ser” mesmo que esteja aparentemente ausente — é como um submarino —. Frente a esses obstáculos devemos permanecer sempre à luz de um “para que” e um “para quem”. Já dizia o poeta Fernando Pessoa que “tudo vale à pena quando a alma não é pequena”. Outra máxima importante foi Leonardo da Vinci — Leo para os íntimos — quem nos ensinou: “a maior forma de sofisticação é a simplicidade”. Sendo assim, frente aos contratempos e dificuldades que aparecem em coriscos e profusão para quem avança, fica na tua! E simplesmente siga o caminho do bem com a alma limpa. Aprenda a levar pedradas de quem vem atrás, sem desistir.

Um dos aspectos que vale a pena tratar na formação e manutenção de um Grupo de Pesquisa de Excelência (empreendimento coletivo) é a questão da dita “concorrência”. Por conhecer com acuidade numerosos Grupos de Pesquisa da área do Design no Brasil observo algumas ações no sentido de velar o trabalho, supostamente para não comprometer o esforço individual. Essa é uma atitude que demonstra imaturidade e “[...] corrói a confiança e o compromisso mútuos, e a ausência desses laços ameaça o funcionamento de qualquer empreendimento coletivo” (Richard Sennett – A Corrosão do Caráter). Num Laboratório todos devem ser leais e conexos de forma simbiótica. A fidelidade implica, entre outros atributos, assumir fracassos e insuficiências.

[...] Essa é uma ideia ao mesmo tempo muito simples e muito complexa. Simples porque afirma que meu senso de valor próprio depende de os outros poderem contar comigo. Complexo porque preciso agir responsabilmente, [...] independentemente de confusão de meu próprio senso de identidade. (SENNETT, 2012)

Num empreendimento coletivo os outros devem contar comigo e vice-versa. É, então, imprescindível partilhar saberes “concorrendo”, assim, para chegar ao objetivo comum. Com





trabalho contínuo, profundo e afável com os demais, todos do Grupo de Pesquisa, ocuparão seu espaço e colherão os frutos, é uma questão de tempo. Bachelard, já no início do século passado, reforçava essa idéia no texto intitulado “O Novo Espírito Científico” indicando que “[...] o tempo das hipóteses descosidas e móveis passou, assim como passou o tempo das experiências isoladas [...]”. Num Grupo de Pesquisa em que se constitui a máxima “um por todos e todos por um” o terreno é fértil. Então, depois de algum tempo, o empreendimento coletivo (Laboratório) começa a colher os frutos da árvore plantada por todas as mãos (mãos de dentro, mãos de fora, mãos do meio); são frutos saborosos e que se colhem ao alcance da mão, pois a árvore está carregada com o conhecimento conjunto. Os galhos da árvore do saber estão recheados de oportunidades, curvando-se na direção de quem pensa, aprende, ensina e se emociona. Não há claudicação neste caminho conjugado do saber. A capacidade de realização de cada consciência caminha espontaneamente através da frutificação superior do espírito ao sentir-se à vontade, compartilhando conhecimentos robustos com o outro. Com essa atitude é possível...

[...] vencer sua sensação apavorante de solidão; [...] alcançar [...] pleno desenvolvimento dos seus poderes humanos, de sua capacidade de amar, de usar sua razão, de criar e gozar a beleza, de partilhar sua humanidade com seu próximo (FROMM, 1969)

E “[...] se houver desenvolvimento não só do seu intelecto, mas também da sua capacidade de sentir-se relacionado [...]” (Erich Fromm – A Revolução da Esperança) fica estabelecida a espiral proativa no coração do Grupo de Pesquisa. Essa energia positiva, uma vez estabelecida no cerne da equipe, faz seu trabalho metafísico e determina no empreendimento coletivo um “propósito”, que é o de dar sempre o passo seguinte, produzindo ciência em conjunto, de mãos dadas — mão após mão — com alegria, lealdade, fidelidade, verdade e confiança sem deter-se com pormenores individualistas e sem estabelecer rotinas de pensamento estagnado.

Outro aspecto importante de abordar quando se discute o desenvolvimento de Dissertações e Teses e que afeta diretamente a qualidade dos trabalhos e a manutenção de um Grupo de Pesquisa (empreendimento coletivo), é a questão do “emprego do tempo”. É fundamental deixar claro, desde o início (de preferência na primeira vez que o aluno procura qualquer estrutura vinculada ao Programa de Pós-Graduação), que as atividades de pesquisa necessitam de tempo para florescer. A colheita é profícua, mas os revezes são freqüentes e pesados. Em um Laboratório nada acontece instantaneamente e não tem trabalho fácil — a não ser, quem sabe, levar um documento do Grupo de Pesquisa ao correio — as demais atividades demandam esforço e preparo considerável. As dificuldades são muitas (técnicas, científicas, operacionais, administrativas, burocráticas, etc.), e todas dependem de ânimo, diligência, empenho e tempo. Todos devem estar cientes de que para a execução dos estudos de mestrado ou doutorado a dedicação deve ser total. O acesso dos alunos ao Laboratório deve ser integral. Neste período da vida não há muito espaço para atividades correlatas. Não há outra maneira de fazer um trabalho de excelência. Esse é um dos maiores desafios num mundo cheio de opções e possibilidades, tanto presenciais quanto virtuais. As possibilidades de perder o foco são grandes, principalmente quando as dificuldades aumentam. Há uma tendência natural de fuga e negação do fazer. Pode acontecer com frequência uma inversão de prioridades. Não se trata aqui de submeter nenhuma pessoa a sujeição da realização de uma Pós-Graduação, ninguém obriga ninguém a fazer mestrado ou doutorado. Acredito que a obrigatoriedade do estudo possa ser cobrada veementemente pela família até o ensino superior (Graduação), mas mestrado e doutorado é



uma opção voluntária, livre e espontânea. Sendo assim, é necessário estar ciente do caminho a ser trilhado e das consequências individuais que esse caminho exige. O proponente à realização de uma Pós-Graduação *strictu sensu* deve fazer uma reflexão profunda de todo o envolvimento que o processo a ser seguido exige e, se não for o momento de iniciar essa caminhada, pelas diversas razões, motivos e ensejos que possa ter, é melhor adiar essa empreitada, pois pode carrear a si mesmo um desgaste intenso e desnecessário.

Mais um ponto essencial a explanar quando se trata do desenvolvimento de Dissertações e Teses é a questão da “qualidade” do trabalho. Neste quesito, o primeiro e principal crivo que deve existir é o do próprio aluno para com o seu trabalho. Um trabalho fácil nada ensina; a não ser para quem almeja capacitar-se apenas para levar um documento ao correio. Num trabalho difícil é o processo do aprender que nos alimenta. É a cobrança individual, é a exigência consigo mesmo, é o refinamento da tarefa e como nos desenvolvemos que tem valor. Conta o caminho percorrido e a determinação pessoal nesta trajetória (que condição nos encontramos, onde estamos e onde e em que condição queremos chegar). O trabalho de Pós-Graduação (Tese ou Dissertação) é o cartão de visita perene que vai acompanhar toda a carreira do pesquisador. Tanto a Dissertação quanto a Tese será uma marca que seguirá o autor pela vida inteira na academia. O documento escrito estará disponível no “Repositório Digital” e existe a obrigatoriedade de entregá-lo após a defesa em uma extensão que permita a fácil leitura e transmissão pela rede (internet). O trabalho será acessado e lido por diversas pessoas e distintas fontes de interesse. E esse acesso é ilimitado no espaço e no tempo (a marca é global e atemporal). Não só o aluno carrega essa marca, mas o Grupo de Pesquisa de onde o trabalho surgiu. Essa é uma baliza que indica a qualidade do Grupo de Pesquisa, pois os trabalhos são o reflexo da condição do Laboratório. É uma razão direta: trabalhos excelentes espelham Laboratórios de qualidade e trabalhos fracos carregam consigo a origem que tiveram. Essa é uma relação de forte compromisso do aluno com o Grupo de Pesquisa e vice-versa. O saber compartilhado deve levar a uma compreensão e responsabilidade compartilhada. Todos serão afetados pela qualidade dos trabalhos que forem defendidos no âmbito Laboratorial. Lembrando sempre que existe uma interação estruturada em funções correlativas (orientador-orientando). Neste sentido, ao longo do tempo, aplicando uma Gaussiana a partir da qualidade nos trabalhos, é fácil determinar a exigência de um orientador pela profundidade e acuidade dos trabalhos que orienta. Espera-se de um trabalho de qualidade que tenha possibilidade de ser divulgado em periódicos de renome. Para a classificação da qualidade destes Periódicos existem critérios pré-estabelecidos pelas diferentes áreas de conhecimento da CAPES. Estes critérios estão disponíveis no sistema de avaliação de periódicos, mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/BRASIL). A classificação possui atualização frequente e segue uma ordem de condição do periódico do mais qualificado ao de menor qualificação, os estratos são: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. Vale lembrar que existe uma classificação dos periódicos quanto ao “Fator de Impacto”, que é obtido a partir do número de vezes em que o artigo foi citado por outros autores. Essa é uma evolução da medida da qualidade de penetração dos trabalhos publicados. Quanto mais alto o “Fator de Impacto” de uma revista significa que cada artigo publicado nesta revista será citado por mais pessoas (portanto, maior amplitude acadêmica).



Na avaliação AUD/CAPES existe, ainda, a classificação dos Livros produzidos no triênio em L1, L2, L3 e L4. Além disso, tem-se a possibilidade de divulgar a produção do Grupo de Pesquisa através da produção de “Capítulos de Livros”, “Patentes” e apresentação de trabalhos em “Congressos”, sejam eles, locais, nacionais ou internacionais. É interessante, tanto para os alunos quanto para os professores, o estabelecimento de um norte a fim de qualificar sua produção. Lançando seus esforços na direção apropriada; descobrindo as vocações entre todos os membros do Grupo de Pesquisa, para que a qualidade e a distribuição das publicações representem o empenho de todos na contribuição com o crescimento do Programa de Pós-Graduação junto ao sistema de avaliação da CAPES.

É inequívoco que o empenho do corpo docente de uma Pós-Graduação é fundamental para o bom andamento das atividades, de ensino, de pesquisa e de extensão. Porém, o que creio ser importante discutir aqui é que os diversos professores vinculados aos Programas de Pós-Graduação se encontram em diferentes fases da carreira (isso é uma visão fundamental para a estabilidade do sistema) e, portanto, devem desempenhar papéis diferentes nos Grupos de Pesquisa. Todos têm sua contribuição a fazer, mas os mais experientes precisam se dedicar às questões mais complexas e de fundo conceitual, enquanto os mais novos precisam se concentrar nas atividades operacionais. Aos mais novos é fundamental dizer que leva tempo, que a estrada é longa, mas que é prazerosa. É esburacada e cheia de curvas, mas quem trilhá-la com perseverança ajudará a estabelecer a excelência da pesquisa em Design no Brasil. Isso, por si só, já é uma motivação enorme para quem vier conosco nessa caminhada. Para os com mais estrada faço questão de lembrar que indivíduos — “plenos de experiências” — são imprescindíveis para lidar com as diversas demandas dos discentes, dos docentes e dos funcionários. Um coordenador de Pós-Graduação precisa estar habilitado para navegar em águas agitadas sem se abalar. As pressões são muito fortes e vêm de toda parte (multiaxial). Terá que lidar com pressões de cima, de baixo, de fora e de dentro do sistema. Não pode decidir de maneira atabalhoada e muitas vezes têm que aguardar para tomar a melhor decisão; **esperar** sem **desesperar** com **esperança** de resolver bem a questão. Agir no momento certo, sem precipitação. As quatro características pessoais, mais importantes para que um coordenador possa lidar com sobriedade na área de administração de pessoal (discentes, docentes e funcionários) em uma Pós-Graduação, são: calma, paciência, leveza e prudência. Não se trata de ser um coordenador que nada faz, mas de um coordenador que decida com serenidade. Um coordenador tem que ser sempre firme, mas sempre bem educado. Tratar a todos (funcionários, alunos e professores) com fineza e polidez independente da situação. A Comissão de Pós-Graduação (CPG) exerce um papel muito importante para trazer tranquilidade ao seio das decisões. O Programa de Pós-Graduação pode ter sérios problemas de percurso se a Comissão de Pós-Graduação não for ponderada e eficaz. As características pessoais que trazem extremas dificuldades para a administração de uma Pós-Graduação são: arrogância, prepotência, soberba, precipitação, falta de educação e presunção.

Vale lembrar que a “Pós-Graduação *stricto sensu*, de natureza acadêmica, é voltada para a formação de professores e pesquisadores com o doutorado no topo e o mestrado na base” (Plano Nacional de Pós-Graduação 2011-2020 – PNPGE/CAPES pág. 126 Vol. 1). Para a manutenção e formação destes recursos humanos de excelência em Design temos que desenvolver o pensar amplo (sempre com a idéia de Grupos de Pesquisa). Para acrescentar mais brilho ao olhar da



Pós-Graduação em Design, também o brilho do metal sonante é importante. Faz-se necessário a obtenção de verbas para a pesquisa. Um dos caminhos a ser seguido é fortalecer nossas ações conjuntas para obter financiamentos e a consequente sustentabilidade da pesquisa científica e tecnológica. A própria Constituição Brasileira em seu Artigo 218 deixa claro que o Estado promoverá e incentivará o desenvolvimento científico, a pesquisa e a capacitação tecnológicas. O 2º e o 3º parágrafo deste Artigo estão conectados diretamente as nossas atividades como pesquisadores:

§2º - A pesquisa tecnológica voltar-se-á preponderantemente para a **solução dos problemas brasileiros** e para o **desenvolvimento do sistema produtivo** nacional e regional.

§3º - O Estado apoiará a **formação de recursos humanos** nas áreas de ciência, pesquisa e tecnologia, e concederá aos que delas se ocupem meios e condições especiais de trabalho.

Neste sentido, o corpo docente dos Programas de Pós-Graduação em Design deve ocupar-se em entender as políticas públicas de financiamento. Entre elas, as políticas dos Fundos Setoriais. Informações detalhadas dos Fundos Setoriais podem ser encontradas no site do MCTI.

O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) foi criado pelo Decreto 91.146, em 15 de março de 1985 [...] o MCTI tem como competências os seguintes assuntos: política nacional de pesquisa científica, tecnológica e inovação; planejamento, coordenação, supervisão e controle das atividades da ciência e tecnologia; política de desenvolvimento de informática e automação; política nacional de biossegurança; política espacial; política nuclear e controle da exportação de bens e serviços sensíveis. Com a incorporação das duas mais importantes agências de fomento do País – a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e suas unidades de pesquisa – o Ministério da Ciência e Tecnologia passou a coordenar o trabalho de execução dos programas e ações que consolidam a Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. O objetivo dessa política é transformar o setor em componente estratégico do desenvolvimento econômico e social do Brasil, contribuindo para que seus benefícios sejam distribuídos de forma justa a toda a sociedade[...].

Como explicar a baixíssima penetração e demanda do Design nestas vultosas verbas do MCTI? É importante saber que os Fundos Setoriais não são exclusivos de determinadas áreas, não há um Fundo Setorial específico para a Física, não há um Fundo Setorial específico para a Engenharia, não há um Fundo Setorial específico para a Biologia, não há um Fundo Setorial específico para a Medicina, e portanto, não haverá um Fundo Setorial específico para o Design. São os Grupos de Pesquisa das diferentes áreas (Física, Engenharias, Biologia, Medicina, Design, etc.) que enviam suas propostas nas chamadas públicas dos diferentes Fundos Setoriais. Há que se aventurar com projetos de Design nos diferentes Fundos Setoriais: Agronegócio; Amazônia; Antártica; Aquicultura e Pesca; B combustíveis; Biodiversidade e Recursos Naturais; Biotecnologia; Ciências do Mar; Combustíveis Fósseis; Controle de Bens Sensíveis; Cooperação Internacional; Energia; Espacial; Inclusão Social; Institutos Nacionais; Meteorologia, Climatologia e Hidrologia; Mudanças Climáticas; Nanotecnologia; Nuclear; Promoção da Inovação; Pró-Inova; Recursos Minerais; SIBRATEC; Semi-Árido e Tecnologia da Informação e Comunicação. Cabe aos professores orientadores de mestrado e doutorado, principalmente aos classificados na categoria de “Permanentes” — junto aos Programas de Pós-Graduação em Design — enviarem suas propostas nas chamadas públicas. Para tanto, nossos espíritos devem estar abertos para as possibilidades transdisciplinares. Vale lembrar o Artigo 3 da Carta da Transdisciplinaridade (Convento da Arábida, 6 de novembro de 1994).



A transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; ela faz emergir novos dados a partir da confrontação das disciplinas que os articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza da realidade. A transdisciplinaridade não procura a maestria de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa.

Temos que incluir em nossas mentes os interstícios de uma racionalidade aberta a um novo olhar sobre o Design, partindo das correlações das ciências humanas, ciências exatas, artes e espiritualidade. Temos que interagir com as engenharias, com as ciências médicas, com a museologia, com a antropologia, com a arqueologia, com a geologia, com as ciências agrárias, com a literatura, com a poesia, etc. Não há restrição, não há fronteiras de espaço e tempo. O índice de sucesso de financiamento das propostas de pesquisa é pequeno para todos, pois existe uma forte demanda qualificada. Os navegadores dizem “naufragar é não partir”, temos que decidir partir (enviando nossos projetos) e nos aventurar, dia e noite, neste mar de incertezas. Se estivermos com nossas propostas concorrendo existirá esperança e poderá brilhar a estrela para o financiamento dos projetos de Design. Há outros caminhos de financiamento da pesquisa, via Ministério da Educação, Ministério das Cidades, Ministério da Cultura, Ministério da Saúde, Ministério do Esporte, Ministério do Meio Ambiente, Ministério da Defesa, da CAPES (Pró-Equipamentos), CNPq (Chamadas Específicas), Prefeituras, Fundações Regionais de Amparo à Pesquisa, Empresas, Indústrias, etc. É muito difícil obter aprovação para projetos de grande monta, mas temos que tentar. Outras áreas têm participado com um volume muito maior de projetos e as verbas são distribuídas proporcionalmente à demanda. Ou seja, a área que participa enviando mais projetos tem percentualmente mais recursos para ser distribuídos. Pouca demanda é igual a poucos recursos para distribuir. Neste sentido, a cultura da pesquisa científica e tecnológica naturalmente difundida e disseminada de forma ampla ainda está porvir na área de Design. Incidimos no mesmo problema de sempre, aquele de contar com poucos recursos para dividir, pois a demanda é pequena quando comparada com outras áreas. É preciso aqui esclarecer que vários projetos não são financiados não porque não tenham obtido a aprovação do Comitê Assessor da área de Design, mas pelo volume de recursos a serem distribuídos, advindos da repartição pré-estabelecida pelo “Órgão de Fomento” com base no quantitativo da demanda. Somos mais uma área entre outras tantas, e precisamos nos qualificar e aumentar a participação para que a partilha possa ser proporcionalmente maior a nosso favor.

Considerações finais sobre o brilho do olhar dos Grupos de Pesquisa (Laboratórios): persistindo a atual conjuntura social, baseada no efêmero e no descartável — de produtos e de pessoas — teremos que navegar acompanhados da incerteza e da eventualidade, mas “[...] não precisamos mais da certeza da vitória para continuar a lutar” (Edgard Morin – Para onde vai o mundo?). — “Naufragar é não partir” — embarcamos nestes mares do conhecimento para resistir! Quem decidir partir, já é um vencedor. Nestas águas revoltas não devemos nos abater pelos ventos fortes ou mesmo pelas tempestades das condições de trabalho. Muitas vezes, sabemos todos, que elas deixam a desejar. A solução para a limpeza da sala é balde e pano. Eu já usei desta técnica, pessoalmente, inúmeras vezes e posso afirmar que funciona. Aprendi que nestas condições, há os que choram e os que distribuem lenços. Vamos nos esforçar para estar entre os que distribuem os lenços. Vale reforçar que uma Pós-Graduação — Laboratório — Grupo de Pesquisa — só tem razão de existir se for um centro de investigação conjunta, com a presença física e assídua do aluno, produzindo e compartilhando conhecimentos e atuando no bem comum de todos que o compõem. As ferramentas de informação e comunicação (virtuais)



são importantes, mas não substituem o contato diário e pessoal. O Laboratório é o “local de trabalho” do discente. Olho no olho! Só assim o “brilho” acontece! Deste modo todos participam do trabalho de todos, interagindo reciprocamente para alavancar o saber. Os equipamentos, os ensaios, as intervenções, os experimentos, as experiências, as investigações e as demais ações relacionadas à pesquisa científica e tecnológica têm que ser compartilhadas. Cada integrante do Grupo de Pesquisa contribui com sua luz para iluminar o olhar do empreendimento coletivo. A poção mágica que faz acender a visão da Pós-Graduação — olha só! — é o espírito de grupo! Posso afirmar, categoricamente, que esse é um predicado constante nos alunos que se destacaram dentre os mais de 100 que já orientei (da iniciação científica ao pós-doutorado), dentre os professores mais brilhantes que conheço e dentre os funcionários mais competentes que já tive a oportunidade de chefiar. Gostaria de resumir todo o pensamento em uma única frase: o espaço de trabalho se torna um Grupo de Pesquisa quando as pessoas (professores, alunos e funcionários) passam a utilizar, verdadeiramente, o pronome “**nós**”.

## Referências

- BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. Coleção Os pensadores. 1ª ed. Editora Abril Cultural, 1974.
- BAUDRILLARD, J. **O Sistema dos Objetos**. 5ª ed. Editora Perspectiva S.A, 2008.
- Carta da Transdisciplinaridade**. Convento da Arábida, 6 de novembro de 1994.
- Constituição Federal Brasileira**. 1988.
- DELEUZE, G. e PARNET, C. **Diálogos**. Editora: RELOGIO D’AGUA, 2004.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 11ª ed. Editora Paz & Terra, 1983.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 44ª ed. Editora Paz & Terra, 2013.
- FROMM, E. **A Revolução da Esperança**. Editora Zahar S.A, 1981.
- FROMM, E. **O Coração do Homem**. 6ª ed. Editora Zahar S.A, 1969.
- GIBRAN, K. **O Profeta**. 4ª ed. Editora Civilização Brasileira S.A, 1968.
- LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero**. 3ª Reimpressão. Editora Companhia das Letras, 2009.
- MCTI. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/353231.html>. Acesso em: 16.05.2014.
- MORIN, E. **Ciência com Consciência**. 14ª ed. Editora Bertrand Brasil, 2010.
- MORIN, E. **Para Onde vai o Mundo?** 3ª ed. Editora Vozes, 2012.
- Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG/CAPES - 2011-2020** Edição CAPES, 2010.
- RAMIL, V. **Loucos de cara**. Letra/Música – Disponível em: <http://letras.mus.br/vitor-ramil/391936/>. Acesso em 22.05.2014.
- SAHEL, C. (org.). **A Tolerância – Séries Éticas**. Editora L&PM, 1993.
- SARAMAGO, J. **A Jangada de Pedra**. 16ª ed. Editora Caminho, 1988.
- SENNETT, R. **A corrosão do caráter**. 17ª ed. Editora Record, 2012.



## **Sobre o autor**

Prof. Dr. Wilson Kindlein Júnior é Professor Associado IV da UFRGS; é Bolsista PQ-1A do CNPq. É Coordenador do CA-DI/COCTC/CNPq. É o Coordenador do CA/AUD/FAPERGS. É Coordenador Adjunto dos MP/AUD/CAPES. É Coordenador do Laboratório de Design e Seleção de Materiais - LdSM/UFRGS. É o Coordenador Substituto do PGDesign/UFRGS. É Pós-Doutor em Design Industrial (França) e Doutor na área de Engenharia dos Materiais. Dá aulas, orienta pesquisas em todos os níveis - desde a Iniciação Científica até o Pós-Doutorado. wilsonkindleinjuniorgmail.com